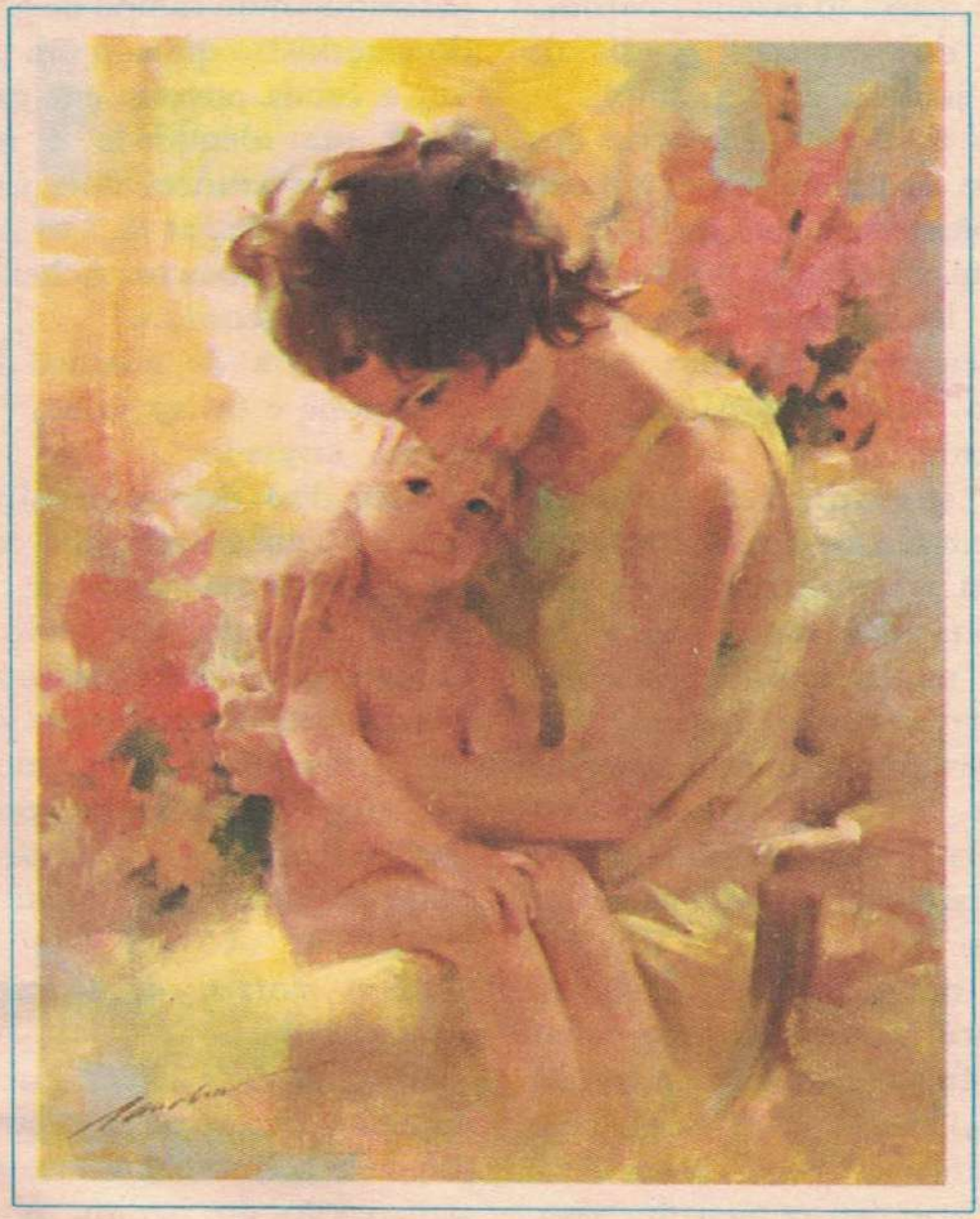
Ser Jovem e Saber Que Vai Morrer...



Ela casou-se aos 17 anos. Aos 18 anos era mãe, e aos 19 Lyn Helton soube que o marido e a filha teriam de ficar sem ela

JOSEPH P. BLANK

O Dr. Charlene Holton, chefe do serviço de câncer do hospital, estudou as radiografias da doente e os resultados das análises. Depois disse «àquela jovem compreensivelmente aterrorizada» o que tinha de ser dito. «Lyn, essa inchação na sua perna direita é uma sarcoma ósseo. É maligno, mas vamos fazer tudo o que nos for possível.»

Assim, aos 18 anos, Lyn Helton compreendeu que tinha de amadurecer e tornar-se uma mulher rapidamente. Talvez já não tivesse muito tempo.

Era uma perspectiva dura de encarar. Ela era pequenina e atraente, com olhos castanhos, brilhantes, longos cabelos negros, um riso alegre e uma grande capacidade de apreciar as coisas boas e simples da vida. Amava o seu jovem marido, Tom, sua filhinha, Jennifer, o sol luminoso do inverno e as flores silvestres do verão.

Aos 13 anos fazia poesia, e logo estava tentando compreender seus próprios sentimentos e pensar por si própria. Na adolescência, ela e a mãe, ambas teimosas, voluntariosas e honestas, descobriram entre elas a barreira da «falta de comunicação».

Lyn decidiu viver a sua própria vida, baseada nas suas próprias decisões. Aos 17 anos, estava casada com Tom Helton, de 20, e grávida. O casal vivia num apartamentozinho de segundo andar, numa pequena cidade. No 9.º mês de gravidez, ela disse ao marido que a perna direita lhe doía ao subir as escadas. «Acho que é por causa do peso», imaginava ela.

Mas depois do nascimento de Jennifer, pouco antes do Natal de 1969, apareceu uma inchação inflamada no lugar onde ela sentia a dor. Um médico tratou-a de bursite. Ocupada com o bebê, ela tentava não pensar naquilo, mas a dor a obrigava a coxear. Seu cabelo perdeu o brilho e ela emagrecia.

Finalmente, em maio internou-se num hospital, para exames e diagnóstico. «A senhora tem um tumor ósseo», disse-lhe um médico. «Acho que devemos amputar a perna, a fim de evitar que o tumor se espalhe.» Ela já receava que fosse «câncer», mas as palavras do médico eram chocantes demais para serem reais. «Quando serei operada?» perguntou, tentando controlar o pânico.

«Amanhã.»

Cheia de medo, confusa e chorando, Lyn telefonou ao marido e pediu-lhe que a viesse buscar. A amputação era algo demasiado radical e inesperado para que ela pudesse aceitar. Tom e ela decidiram procurar um segundo hospital. Mas antes passaram um fim-de-semana acampados.

Era tão linda a floresta, escreveu Lyn no seu diário. *Tão livre e cheia de paz. Não queria voltar nunca mais. O amor torna-se tão maior quando nos sentimos assim livres. Enchi meus cabelos pretos de florinhas amarelas. Levantava-me de madrugada e erguia as mãos para o Sol que nascia. E deixava o meu bebê nu ao seu calor.*

© 1972 DE THE JENNIFER ELIZABETH HELTON TRUST. © 1972 DE ALSKOG, INC.
DIREITOS RESERVADOS

O diagnóstico de sarcoma ósseo significava que Lyn sofria de um tipo particularmente virulento e insidioso de câncer que pode espalhar-se rapida e fatalmente dos ossos para os pulmões. Se diagnosticado em tempo, os especialistas geralmente recomendam a imediata amputação da perna. Quando as radiografias acusam uma lesão pulmonar, em geral já é tarde demais para se tentar qualquer coisa.

O Dr. Holton não tentou persuadir Lyn a deixar-se operar. Obviamente, ela já tinha a doença há muito tempo, e ele não estava convencido de que seria eliminada pela amputação. Em vez disso, iniciou-se um intenso tratamento com irradiações e injeções de drogas anticancerígenas. Ela era obrigada a andar cada vez mais de muletas. A apreensão talvez tenha provocado uma reação excessiva à medicação. As drogas faziam-na vomitar durante horas, tiravam-lhe o apetite, exauriam-na e provocavam crises de vertigens.

No começo, tentei pensar sempre em coisas boas. Mas, pouco a pouco, compreendi a gravidade de ter-se câncer e tomar tantas irradiações e drogas. Às vezes não conseguia dormir de noite. Sentava-me, embrulhada numa manta, na minha velha cadeira verde de balanço, sozinha, no escuro, enquanto meu marido e o bebê dormiam. Tinha medo. Como será morrer? Se alguém pudesse me dizer...

Ela não gostava de si própria quando sob influência do tratamento. «Fico enjoada e irritadiça», comentou ela com sua irmã mais jovem, Betty. «Fico sem paciência e desagradável com Tom. Algo aconteceu à minha compreensão e comunicação com Jennifer. Não posso ser o que quero ser, uma boa mulher e uma boa mãe.»

Começou a faltar às sessões de tratamento no hospital. Tom não conseguia compreender a relutância. Assim, as visitas ao hospital eram precedidas de longas conversas, discussões e gritos.

Ao fim de dois meses de tratamento, firme e teimosamente, Lyn decidiu parar. Os médicos tentaram modificar a sua decisão — mas não podiam garantir que o tratamento a melhoraria. Tom suplicava: «Por favor, Lyn. Tente mais uma vez. Não vamos desistir sem lutar. Nós precisamos de você.»

«Eu sei, e procuro satisfazer essa necessidade o melhor que posso. O tratamento impede-me que eu seja o que devo ser para você e Jenny.»

No fim, os médicos apoiaram a sua decisão. Mas Tom, achando que Lyn se havia entregue, sentia-se confuso, com medo, apanhado numa situação que não podia controlar. Mulher e marido começaram a afastar-se, embora nenhum deles quisesse a separação.

Estou beijando você,
Mesmo quando não esteja.
Estou amando você,
Ainda que não esteja.
Estou a abraçá-lo,
Ainda que você esteja muito longe.

Ao fim de algumas semanas, começaram a procurar-se, falando,

tocando-se, amando-se, e pouco a pouco Tom foi compreendendo a decisão da mulher. «Lyn estava amadurecendo rapidamente. Ela era uma pessoa especial: não estava resignada, mas também não tinha ilusões. Aceitando a possibilidade de morrer, decidiu usar e viver sua vida ao máximo.»

Gosto do que existe entre nós. Não tem sido fácil por causa da minha doença, mas está voltando ao que era. Ele diz: «Lyn, eu amo você», e eu sei que é verdade. Eu o amo. Não quero partir jamais. Agora estou vendo como isso é injusto. Uma lágrima se forma e desce lentamente pelo meu rosto. O amor não é algo que se possa viver ou morrer sem ele.

Suspenso o tratamento, Lyn realmente começou a sentir-se melhor e mais forte. Renovou o prazer que sentia com a companhia de Jenny — «o meu pequeno raio de sol» — e com a chegada do outono, com as folhas caindo e o sol filtrando por entre os ramos despidos das árvores.

Em janeiro de 1971, foi ao hospital para a sua revisão médica bimestral. Disse o Dr. Holton depois do exame: «O câncer disseminou-se. Há uma lesão no pulmão.»

«Quanto tempo me resta de vida?»

«É possível que ainda haja bastante tempo.»

Talvez eu não morra. «Talvez», contudo, é exagero meu. Pareço criança. Acho que sou uma criança. E tenho saudades do carinho de minha mãe. Mamãe, eu quero colo, mamãe. Está doendo, mamãe. Beije aqui e faz parar de doer. Oh, como eu quero!

Quem pegará a minha Jenny no colo? Meu anjinho lindo, que será de você? Preocupo-me tanto!

Tom ficou arrasado com a notícia da lesão. Mais tarde, falou sobre isso com Sheila Lodise, uma jovem professora que morava no andar de cima. «Tenho a impressão de que só conheci Lyn durante dois períodos extremos — quando estava grávida e quando estava morrendo», disse ele.

Dias depois, Lyn disse: «Sheila, você sabe que eu vou morrer?»

«Sei, e acho bom que você tenha falado nisso. Mas não vamos ficar chorando. Quero ajudá-la a viver o que puder, enquanto puder. Mas de mim não vai receber qualquer comiseração ou tristeza.»

«Ótimo. Assim é melhor.» E ela pediu a Sheila que lhe penteasse os cabelos, agora vários centímetros mais longos, depois de terem caído durante o verão, com o tratamento.

Inverno e primavera foram bons. Tom foi tocar contrabaixo numa orquestra. Ele sempre quisera ser músico profissional, e Lyn sentia-se «toda contente» de vê-lo feliz.

Jenny começava a andar e a falar, e mãe e filha passavam muito tempo juntas. Quando fazia bom tempo, davam pequenos passeios. Lyn gostava de ver a neve caindo. Durante as tempestades, sentavam-se à janela vendo os flocos de neve sendo arrastados pelo vento ou caindo no solo. Nos primeiros dias tépidos da primavera, sentavam-se à porta de casa, olhando preguiçosamente a paisagem. Quando chovia leve,

vinham para a porta com um grande guarda-chuva e divertiam-se deixando cair gotas nas palmas das mãos. Ouviam discos às vezes, enquanto Lyn escrevia no seu diário. À noite, Tom tocava violão para elas.

Lyn mantinha-se ocupada. Assava lazanhas e pão. Pintou a cozinha de verde e amarelo, fez toalhinhas para chá, roupas de cama, uma colcha e vestidinhos para Jenny. Saltando de um lado para outro sobre uma só perna, fazia todo o trabalho de casa, acompanhada por Jenny, que saltava igual agarrando um pano de pó na mãozinha.

Enquanto se sentiu bem, Lyn passou algumas noites no bar onde Tom tocava. Adorava ver o prazer de Tom. Gostava de dançar, mas era obrigada a ficar sentada, olhando. A cruciante sensibilidade do tumor e da pele à sua volta impediam-na de vestir calças compridas. Quando uns bêbados fizeram comentários impertinentes sobre a sua perna mirrada, ela respondeu: «Fui apanhada por um trem. Estão satisfeitos?»

Somente quando estava sozinha, de noite, com Jenny dormindo, é que o medo e os fantasmas a assediavam. À meia-noite, às vezes ela chamava Sheila, e as duas sentavam-se juntas, conversando e cozendo durante uma hora ou mais.

Na noite passada andei pensando coisas terríveis sobre a morte. É tão injusto. Porque não terá pelo menos algum propósito! Só trouxe dor a mim e à minha família. Por quê?

Resta pouco tempo. E há tantas coisas que quero fazer! Quero escrever um livro para Jenny. Quero deixar-lhe parte de mim — dizer-lhe o que sinto e como fazia as coisas. Dizer-lhe como ela é importante para mim.

Quero acabar o saiote que comecei a fazer — quero guardá-lo para Jenny numa arca de cedro, junto com outras coisas. Não sei exatamente o quê. Pequenas coisas de que ela necessitará um dia. Principalmente, muito amor.

Quero um piano. Quero aprender a tocar coisas lindas. Não sei por que nunca consegui aprender. Se tivesse um piano, tocaria durante todo o dia e pela noite adentro. Seria maravilhoso. Eu mesma escreveria as minhas canções de amor, que tocaria quando o sol estivesse sumindo no céu. Tocaria velhos blues para Tom e canções de ninar para Jenny.

Como os que enfrentam a morte, Lyn estava ávida de conforto e ajuda. Uma velha lenda diz que os gatos nunca ficam na casa de uma pessoa que está para morrer. Lyn encontrou uma gata, levou-a para casa e deu-lhe o nome de Tinker. A gata logo se adaptou à família. Alguém disse que cenouras tinham um misterioso poder terapêutico. O entusiasmo pelas cenouras durou uma semana, até que ela enjoou. Tom levou-a a um curandeiro psíquico, que lhes vendeu um pacote de ervas para serem tomadas com leite — dentro de dois dias aconteceria um milagre. Como não aconteceu, Lyn deixou de tomar a beberagem de sabor desagradável e riu da sua própria credulidade.

Em agosto, Lyn procurou um

jovem advogado. Objetivamente, discutiu com ele os seus escritos e a possibilidade de virem a render algum dinheiro que ajudasse na educação de Jenny. Mas, embora tentasse escrever e trabalhar nas suas funções de mulher e de mãe, a doença consumia-lhe as forças, o vigor e a vontade. O tumor torácico aumentava de volume, fazendo pressão sobre as costelas e impedindo que um dos pulmões se expandisse completamente. Foi tratada com um novo medicamento anticancerígeno oral ainda em fase de testes, que foi inútil no seu caso. Por dentro, tinha ódio.

Jenny é uma menininha linda, que precisa de uma mãe e de um pai que a amem. Por que não posso ser eu? Estou cheia de dores, que inferno! Tenho DORES! Deixe-me ter a minha filha, doença maldita! Ladra de vidas! Por quê? Por quê? Por quê? Que há com Você, Deus? Que espécie de idiota é Você, fazendo uma coisa destas? Qual é a sua vantagem? Jenny ouve-me chorar e quer saber porquê! Meu Deus, por que terá de ser assim? Não compreendo, simplesmente não compreendo.

Às vezes ela criticava o cabelo e as roupas de Tom. Irritava-se quando ele lhe perguntava: «Lyn, você quer que eu traga alguma coisa?» Tomava analgésicos suaves, que não lhe tiravam completamente as dores. Impotente para dar-lhe alívio, Tom chorava. Lyn tomava-o nos braços, tentando reconfortá-lo, e deixava que se misturassem as lágrimas dos dois.

Às vezes ela examinava o rosto ao espelho. Suave e cheio antigamente, estava agora encovado e ossudo. Quando o peito lhe doía e a respiração era um esforço, ela passava os dias numa cadeira, enrolada numa manta, vendo televisão.

Começou a recordar a sua infância — ordenhar vacas, ficar deitada à sombra de um monte de feno, colher amoras no verão. Lembrava-se de quando foi apanhada fumando atrás do estábulo. A mãe obrigou-a a fumar todos os cigarros e depois disse-lhe: «Agora vai ler a Bíblia durante uma hora.»

Recordando-se de como fora agradável essa parte do castigo, pediu a Sheila que lhe comprasse uma Bíblia «encadernada em couro e com um fecho de correr: agrada-me a idéia de ter uma comigo».

O tumor no tórax, aumentando de tamanho, tornava-a extremamente fraca. Era penoso pegar Jenny no colo ou brincar com ela, e vesti-la ou mesmo mudar-lhe as fraldas tudo era esforço e provocava dores. As lágrimas corriam-lhe quando Jenny dizia, com ar grave: «Mamãe tem dores, mamãe tem dores», e procurava consolá-la abraçando-a.

No fim de setembro foi internada e extraíram-lhe o líquido que se acumulara à volta do tumor, a fim de facilitar a respiração. Passava a maior parte do tempo numa cama perto de uma janela. Enquanto escrevia no seu diário, podia ver o sol brilhando, a chuva caindo, ouvir as vozes dos que passavam e ficar atenta aos latidos dos cães.

Num bonito dia de outono, ela

disse a Tom: «Vamos para as montanhas, nós três. Queria ver as folhas caindo.» A tranquila viagem pelas suas queridas montanhas estimulou-a, tornou-a eufórica.

Morrer é lindo, mesmo na madura idade de 20 anos. A maior parte do tempo não é fácil, mas existe grande beleza em sabermos que o nosso fim vai chegar antes do que esperávamos e que temos de amar, rir e chorar tudo o mais depressa possível. Não tenho medo de morrer, não tenho medo da morte, porque conheci o amor.

Durante o mês de outubro, Lyn piorou muito. Era sacudida por demorados ataques de tosse. O ar faltava-lhe e respirava com dificuldade. Sheila, comovida, dizia: «Lyn, tome a minha energia. Aqui. Tome. Use-a.» E Lyn, com os seus olhos outrora tão brilhantes e agora mortiços, só olhava para Sheila e abanava a cabeça.

Há uma beleza, uma certa melancolia, que só nos vem quando fizemos tudo o que sabemos fazer e só nos resta um pouco de amanhã.

Na tarde de 28 de outubro, Tom vestiu Lyn, tomou-a no colo — ela pesava apenas 30 quilos — e levou-a para o hospital. Aí sentia-se mais segura por cuidarem dela. As drogas aliviavam as suas angústias e dores e o oxigênio facilitava a respiração. Tom tentou mostrar-se tranquilo. O que uma vez parecia impossível, depois remoto, era agora real e imediato. Quando a realidade se tornava demais para ele, saía do quarto e ia chorar com um amigo ou um empregado do hospital.

Fecho a sua mão na minha
Para sentir,
Tocar, ouvir, ver e compreender
Porque a vida
Terá de ser vivida
Sozinha
Em outro mundo.

Às 12,30 de 7 de novembro, o coração de Lyn deixou de bater. Quando foi informado da sua morte, Tom sentiu uma onda de alívio. Ela já não sofria nem tinha dor. Lyn quisera fazer o que pudesse para ajudar na investigação do câncer, e Tom autorizou a autópsia. Para o Dr. Edward Baum, foi uma cena triste: «Tom ficou ali sentado durante algum tempo, de cabeça baixa, junto do corpo da mulher. Conversamos sobre a morte de Lyn e o seu significado. Um pouco mais tarde, pegou duas sacolas com as coisas dela e foi embora.»

Depois da cremação do corpo de Lyn, um grupo de 18 pessoas fez uma viagem de 150 quilômetros pelas montanhas, até uma clareira que Lyn escolhera. Fazia muito frio. Formaram um círculo e revezaram-se na leitura de poesias de Lyn. Depois cada um tirou um pouco de cinzas da caixinha quadrada de metal e espalhou-as ao vento. Com as cinzas na mão, Sheila pensou: «Agora você está livre, Lyn. Agora viverá conosco, com tudo o que você amava e era amada.»

Quando o último punhado de cinzas foi levado, neve — a neve de que Lyn gostava tanto — começou a cair e, suavemente, cobriu a terra.